

# Método qualitativo, construção de pesquisa e entrevistas: Uma reflexão a partir do livro *A construção de uma identidade inacabada: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*

Iann Endo Lobo

O presente artigo toma o livro *A construção de uma identidade inacabada*, de Marcelo Ennes, como estudo de caso para analisar duas questões referentes ao universo da pesquisa social qualitativa: como se desenvolve a relação teoria-método-campo ao longo da pesquisa; e como se dá no âmbito prático o processo das entrevistas. As fontes do artigo são o livro de Ennes, outros de seus escritos e uma entrevista com o autor, além de textos clássicos da sociologia e antropologia. Conclui-se que na pesquisa qualitativa a relação teoria-método-campo cresce de modo complexo, no qual cada elemento da pesquisa informa e altera o outro. E que há certos métodos e princípios éticos envolvidos no processo das entrevistas que auxiliam na obtenção de bons resultados de pesquisa.

**Palavras-chave:** pesquisa de campo, entrevista, fonte oral, habitus, Bourdieu

**Qualitative Method, Research Building and Interviews: A Reflection from the Book *A construção de uma identidade inacabada: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*** takes the sociological research *The Construction of an Unfinished Identity*, by the sociologist Marcelo Ennes, as a case study to analyze mainly two issues that concern the universe of qualitative social research: how the relation theory-method-field develops itself throughout the research; and how the interview process unfolds in a practical context. The sources of the article are Ennes' book, other of his writings, and an interview with the author, as well as classical texts of sociology and anthropology. We conclude that regarding qualitative research, the relation theory-method-field develops in a complex way, in which each element informs and intervenes in the other. And that there are certain methods and ethical principles involved in the interview process that support the attainment of the desired study results.

**Keywords:** field research, interviews, oral sources, habitus, Bourdieu

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política (PPGSP) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre pelo mesmo programa e graduado em ciências sociais pela UFSC.

E-mail: iannloboe@gmail.com

## Introdução

o sociólogo (...) é uma pessoa intensa, interminável, desavergonhadamente interessada nos atos nos homens. (...) seu interesse dominante será o mundo dos homens, suas instituições, sua história, suas paixões (BERGER, 1986, p. 11).

O presente artigo analisa o método de pesquisa empregado pelo sociólogo Marcelo A. Ennes em sua tese, publicada como livro sob o título *A construção de uma identidade inacabada: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo* (2001). O livro trata das dinâmicas sociais em jogo na constituição da identidade dos nipo-brasileiros na cidade de Pereira Barreto. Além do livro, utilizo, na análise, uma entrevista com o sociólogo e outros de seus artigos publicados. Apesar de o interessante tema merecer uma análise mais profunda, cabe, neste artigo, concentrar a discussão na questão do método, em particular no que diz respeito ao modo como o pesquisador fez uso de fontes orais. A partir daí, é possível refletir acerca da relação intrínseca entre as bases teóricas, a metodologia de trabalho e o contato com o campo de pesquisano âmbito da pesquisa qualitativa. E, ainda, levantar reflexões a respeito da relação entre pesquisador e grupo nativo no que tange a elementos cruciais da pesquisa que envolve entrevistas, como recrutamento, negociação, potenciais conflitos, mal-entendidos e constrangimentos.

As técnicas de entrevista e a história oral têm importância central para a produção de diversos tipos de pesquisa nas ciências sociais e históricas. A prática de entrevistas “estabelece e ordena procedimentos de trabalho”, como as variadas formas de conduzi-las e seus desencadeamentos para a pesquisa, os tipos de transcrição e seus pontos positivos e negativos e o modo como o pesquisador se relaciona com os entrevistados (AMADO e FERREIRA, 2008, p. XVI).

Pretendo refletir sobre a prática das entrevistas a partir da experiência de uma pesquisa realizada por esse meio. Afinal, como disse Bourdieu sobre o tema,

não há maneira mais real e mais realista de explorar a relação de comunicação na sua generalidade que a de se ater aos problemas inseparavelmente práticos e teóricos, o que decorre do caso particular de interação entre o pesquisador e aquele ou aquela que ele interroga (BOURDIEU, 2008, p. 693).

O artigo apresenta uma curta descrição da pesquisa sociológica de Ennes. Em seguida, apresenta algumas reflexões acerca dos seguintes problemas: como se dá a passagem entre a

teoria sociológica de base, a escolha metodológica e o contato com o campo de pesquisa? Qual o modo e os critérios de seleção das fontes orais? E quais as possíveis estratégias empregadas nas entrevistas?

## As linhas gerais da pesquisa

O livro *A construção de uma identidade inacabada: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo* (2001) analisa a cidade de Pereira Barreto, localizada no interior paulista. Apesar de ter sido fundada como uma colônia japonesa no final dos anos 1920, a pequena cidade, com 27 mil habitantes, contava, em 2002, com apenas 6% dos habitantes de origem japonesa (1622). A parcela relativamente pequena de nipo-brasileiros, os chamados *Nikkeis*, nos períodos atuais, não nubla o fato que “as origens e a trajetória da cidade apontam para a influência fundamental da colônia japonesa como elemento constituidor de sua história”. Esse papel decisivo, segundo Ennes, tem seu fundamento nas “especificidades étnicas do grupo japonês” (ENNES, 2001, p. 15).

Além disso, como constatou o autor em estudo posterior, no qual estimou a correlação entre a variável origem étnica com variáveis como renda, ocupação e escolaridade, os descendentes de japoneses são o grupo com maior escolaridade na cidade e estão entre aqueles que ocupam funções que exigem maior especialização e que possuem maior renda (*Idem*, 2005, pp. 89-91). Tal fato, explica o autor, tem a ver com razões histórico-econômicas, sobretudo porque os japoneses se inseriram de partida como proprietários da terra e com o *habitus* engendrado pela cultura nipônica de disciplina, trabalho e ajuda mútua no interior da comunidade (*Idem, ibid.*, p. 93).

Mas a questão central que conduz a investigação sociológica em *uma identidade inacabada* diz respeito ao entendimento da dinâmica de formação da identidade dos nipo-brasileiros. Para investigar esse problema, Ennes olha com atenção para as relações sociais estabelecidas entre a comunidade japonesa e os não-japoneses. Essas relações, considera o sociólogo, são determinantes para a formação histórica da cidade e do *habitus* de seus moradores. A dinâmica social foi analisada em seus aspectos histórico-sociais, objetivados no campo social, constituídos a partir do *habitus* e do capital social dos agentes sociais.

Ennes une as fontes de pesquisa documental às fontes orais, a fim de obter um duplo registro dos mesmos fenômenos sócio-históricos. Em contraste com a “marca oficial” dos documentos oficiais, as fontes orais fornecem “a dimensão do vivido e do revivido à medida que é expresso (...) traz vida, emoção, a marca pessoal de um processo social e histórico” (*Idem, ibid.*, p. 20). Dessa forma, o

pesquisador pode alcançar não apenas o conhecimento dos discursos oficiais, mas também as representações e ideias que os atores sociais têm dos acontecimentos, de si e do outro —, tarefa fundamental para a compreensão do objeto em questão e que diz respeito à construção da identidade japonesa no contexto de Pereira Barreto.

Pelo que foi dito acerca do enfoque de análise na questão do *habitus* e do campo social, fica explícita a inspiração teórica na sociologia bourdieusiana. Existe relação entre a teoria sociológica adotada como referencial e o método de pesquisa empregado? Qual a natureza dessa relação?

## Teoria e método

Vale notar alguns pontos sobre o aparato teórico de Bourdieu no que tange às noções centrais de *habitus* e campo para a presente análise do método. Bourdieu precede de longas introduções, posto que é por muitos considerado, já, o quarto grande clássico da teoria sociológica. O grande esforço da obra de Bourdieu, pode-se dizer, é a tentativa de síntese entre os dois polos do pensamento sociológico: micro/macro, indivíduo/sociedade, agente/estrutura. Isto é, Bourdieu intenciona romper com o dualismo epistemológico e ontológico entre o que ele chama de objetivismo e subjetivismo. Enquanto o primeiro hipostasia a estrutura social, concebendo-a como externa à realidade e à prática dos indivíduos, o segundo é “totalmente incapaz de dar conta da necessidade do mundo social” (BOURDIEU, 2009a, p. 86). A noção de *habitus* vem responder à necessidade de explicar a mútua relação entre a estrutura social e as práticas dos agentes sociais.

A despeito de Bourdieu não ser o primeiro a utilizar o conceito de *habitus*, que é mais ancestral, remetendo à tradição aristotélica e escolástica e passando por Marcel Mauss, foi com ele que a noção ganhou abrangência. Em síntese, define o sociólogo: “*habitus*, sistemas de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente ‘reguladas’ e ‘regulares’” (*Idem, ibid.*, p. 87). Daí que o *habitus* garante aquele “senso prático” incorporado pelos indivíduos e operacionalizado em suas ações e representações de mundo<sup>1</sup>.

O *habitus* se entrelaça com a noção de *campo*. Este é o elemento de sua teoria que mais se inclina ao polo *macro* e constitui, segundo Bourdieu, um espaço de diferenciação social relativamente autônomo orientado por signos e prêmios de distinção. Por exemplo, no caso específico do campo acadêmico, os agentes nele inseridos buscam publicações, títulos e projetos que

1. A título de discussão teórica, cabe mencionar que muitos sociólogos pós-bourdieuianos criticaram Bourdieu pelo fato de ele “insistir exclusivamente demais no aspecto ‘sistemático’ e ‘unificador’ do *habitus*” (LAHIRE, 2002, p. 18) e que “as teses da unicidade e da homogeneidade (tanto da cultura como do atar) não tem nenhuma evidência” (*Idem*, p. 20”).

lhes garantam posições de distinção. Como todo campo, o acadêmico é um “campo de lutas” (*Idem*, 2009b, p. 50). Nele especificamente o que está em jogo é o estabelecimento de um tipo de saber considerado como um conhecimento genuinamente científico. Naturalmente, cada campo requer disposições e práticas específicas, afinal, as virtudes que convêm ao *homo academicus* não são as mesmas requeridas de um jogador de futebol profissional. Logo, diferentes campos engendram diferentes dinâmicas de *habitus*. Vale notar que apesar de conceber a noção de campo e de falar em termos das *estratégias* que os agentes usam dentro dele, Bourdieu se resguarda de incorrer no individualismo metodológico e seu pressuposto de racionalidade dos indivíduos. A dimensão estratégica à qual se refere Bourdieu está implicada no próprio *habitus* dos agentes. Assim, segundo o autor, o *habitus* garante aos agentes as disposições que os orientam a manobrar e agir dentro do campo no qual estão inseridos, sem que isso passe necessariamente por um processo de cálculo utilitário entre meios e fins (*Idem*, 2009a, pp. 88-9).

A sociologia bourdiesiana leva em alta conta a noção de *trajetória* dos agentes sociais. Pois a partir da análise histórico social da vida do indivíduo, a partir de sua inserção nos campos, seria possível entender a formação de seu *habitus* particular. Como demonstrou Bourdieu em um de seus diversos trabalhos empíricos, o campo familiar, por exemplo, é decisivo na trajetória dos indivíduos e pode determinar seu sucesso no que diz respeito à inserção em outros campos. Bourdieu constata como a família garante aos indivíduos uma série de *capitais*, sejam eles culturais, econômicos, sociais ou simbólicos, que desfavorecem ou privilegiam os agentes ao longo da vida. Em suma, Bourdieu visou a uma grande síntese entre os elementos macro e microsociológicos; daí adveio suas noções de *habitus* e campo, como forma de explicar a dinâmica que se dá na relação entre o indivíduo e as estruturas sociais mais amplas na qual se ele insere.

Passando das alturas teóricas para as considerações prático-metodológicas, a partir do trabalho de Ennes podemos inferir uma forte relação entre esse aparato teórico de base com o procedimento de pesquisa. De modo que, como afirma Ennes, o fato de privilegiar em sua pesquisa “as disposições do *habitus*” dos habitantes da cidade o levou a recorrer às fontes orais. Para isso, buscou contemplar diferentes grupos sociais, gerações, classes e grupos étnicos em sua coleta de informações, além de relatos de vida e depoimentos, a fim de entender a natureza das “representações sociais na e pela estrutura das relações sociais reconstruídas como objeto [da] pesquisa” (ENNES, 2001, p. 21). Portanto, na busca pelo sentido do jogo incorporado nos agentes, imanente ao campo social,

o pesquisador foi levado ao contato direto com os agentes sociais e as representações de si e os valores simbólicos por eles incorporados e expressos. Tal proceder acompanha aquilo que Bourdieu argumentou, como segue:

podemos encontrar no *habitus* o princípio ativo, irredutível às percepções passivas, da unificação das práticas e das representações (...) essa identidade prática somente se entrega à intuição na inesgotável série de suas manifestações sucessivas, de modo que a única maneira de apreendê-la como tal consiste em tentar recuperá-la na unidade de um relato totalizante (como autorizam a fazê-lo as diferentes formas, mais ou menos institucionalizadas, do “falar de si”, *confidência*, etc.) (BOURDIEU, 2008, p.186, grifo nosso).

Pode-se concluir daí que a opção metodológica não deixa de passar pela posição teórica do pesquisador. Partisse o autor de uma base teórica materialista economicista, seus cuidados metodológicos seriam outros. Nesse caso, as representações e opiniões dos agentes sociais entrevistados poderiam ser interpretados, talvez levemente, como epifenômenos das relações materiais de produção. De tal sorte que a fonte oral seria esvaziada de valor, dado que a preferência metodológica privilegiaria a fonte da opinião que se encontra antes unilateralmente na estrutura de produção material da vida. Sobre esse ponto, é relevante notar que o professor Ennes, como apontou em entrevista, começou sua pesquisa com o marco teórico marxista, pois vinha de uma tradição de estudos da dinâmica das lutas políticas rurais. Contudo, embora não tenha ignorado os elementos de classe, o contato com o novo campo de estudo mostrou-lhe a “incompatibilidade entre o objeto e o aparato teórico”, daí que encontrou em Bourdieu uma ferramenta mais afim com seu objeto (ENNES, 2020)<sup>2</sup>. Podemos concluir, a partir disso, que a relação entre objeto-teoria-método é complexa e se entrelaça em corpo único na materialidade da produção de pesquisa.

Em suma, viu-se que a escolha da metodologia se entrelaça intrinsecamente com o arcabouço teórico de base da pesquisa. E mais, que o próprio contato direto com o objeto e o campo de pesquisa direciona as opções teóricas do pesquisador, como se depreende da entrevista com Ennes — o que o autor chamou de um complexo “entrelaçamento entre teoria-objeto-método” (*Idem*). Nesse sentido, a escolha das fontes orais responde à necessidade de esclarecer o fenômeno social centrado-se no *habitus* dos agentes. Dado que o trabalho com fontes orais passa pelo processo de entrevista, vale perguntar: de que modo o autor selecionou seus entrevistados?

2. Cabe observar também que o sociólogo tem autocríticas à sua pesquisa de doutoramento no que tange ao uso da teoria bourdieusiana. Segundo ele, se fosse repetir a mesma pesquisa, gostaria de dar mais ênfase à dimensão da *hexis*, daquelas práticas incorporadas nos agentes, para além das falas de si captadas nas entrevistas (ENNES, 2020). O sociólogo opera essa noção de *hexis* em suas pesquisas atuais.

## A seleção dos entrevistados

No que diz respeito ao modo de seleção dos entrevistados relevantes para a pesquisa, é possível constatar que Ennes (2001) se valeu de dois procedimentos. Por um lado, utilizou-se do princípio da bola de neve, por outro, do método da arborescência.

O *princípio da bola de neve* consiste em montar o elenco de entrevistados com base na indicação de outros entrevistados (SEIDL, 30/08/2017). Desta feita, explica Ennes, as “redes de relações sociais e de parentesco entre os informantes” abriram o caminho para sua inserção no campo de pesquisa (ENNES, 2001, p. 22). Por exemplo, um dos indivíduos entrevistado pelo sociólogo, o senhor Paulo Ono, proporcionou-lhe o acesso a pelo menos três indivíduos importantes para a pesquisa: Cristina Ono, filha de Paulo, *sansei* que morou algum tempo no Japão; Jitsunobo Igi, figura de especial interesse, pois, além de ser *nissei*, já havia escrito e pesquisado sobre a história local, e cuja aproximação com Ennes “foi lenta e mediada por Paulo” (*Idem, ibid.*, p. 27); e Jorge Wako, também *nissei* e homem relevante na comunidade nipônica, responsável pela criação de colônias de japoneses e por instituições de auxílio aos estudos de jovens nipo-brasileiros. A entrevista com Wako, além de ter sido mediada, ocorreu na sala do próprio Paulo Ono (*Idem, ibid.*, p. 37). Constata-se, assim, a utilidade da estratégia da bola de neve para a pesquisa de Ennes. Seu emprego proporcionou o acesso a entrevistados sem os quais seu trabalho teria perdido em riqueza.

Todavia, como se sabe, o risco contido nessa estratégia é de cair na circularidade da pesquisa e aprisionar o universo de estudo ao ponto de vista de um círculo fechado, comprometendo, assim a pesquisa. O próprio autor reconhece que o ato de “indicar os informantes traz implícito um conjunto de valores e disposições” (*Idem, ibid.*, p. 22). Logo, são necessárias ao trabalho de campo outras estratégias.

Ennes esforçou-se por dar cabo dessas limitações ao aplicar em paralelo o que se pode chamar de *princípio de arborescência*, isto é, visar indivíduos pertencentes a variados estratos do campo para entrevistas. Nesse sentido, seu trabalho buscou contemplar “diferentes gerações, classes, grupos étnicos” (*Idem, ibid.*, p. 21). Essa prática costuma garantir maior riqueza a pesquisa porque proporciona maior pluralidade de perspectivas (SEIDL, 30/08/2017). Desse modo, o autor buscou entrevistar indivíduos como Nilton do Nascimento devido à sua “condição de classe e condição étnica” (ENNES, 2001, p. 35). Nilton era trabalhador de uma cooperativa agrícola chefiada por nipo-brasileiros e casado com uma *sansei*, tendo sofrido com a rejeição da família de sua noiva. Pode-se ver que a perspectiva desse ator social garante riqueza ao trabalho, na

medida em que sua trajetória social caminha em uma relação tensa, entre aceitação e rejeição, com o grupo dos japoneses. Outro exemplo é Suzana Neves, jovem brasileira que estudou em uma escola administrada e frequentada pela comunidade japonesa e foi selecionada para a entrevista pelo critério étnico, a fim de fornecer o olhar de um “outro” acerca dos nipo-brasileiros. Suzana expressou a estima ambígua em relação aos *Nikkeis*: admiração por sua disciplina e dedicação mas também a suspeita a respeito de seu caráter “fechado” e supostamente interesseiro (*Idem, ibid.*, p. 37).

Por meio da dupla metodologia de seleção, pode-se concluir que o autor logrou fruir das vantagens do primeiro método, bola de neve, sem comprometer os resultados da pesquisa, graças à utilização complementar do segundo, arborescência. Sem essa pluralidade de critérios de seleção, a pesquisa seria duramente empobrecida, correndo o risco de se tornar refém da autoimagem de um grupo mais homogêneo, isto é, limitada ao horizonte simbólico de um grupo nativo específico.

Não se poderia deixar de mencionar um ponto de ordem ética que o sociólogo nos informou em entrevista. Ennes lamentou certa “atitude predatória” no campo, por parte de alguns cientistas sociais, que consiste, entre outras coisas, em raptar documentos e fontes primárias ou abordar potenciais entrevistados de modo abrupto e predatório. A fim de evitar esse tipo de atitude, que acaba por “prejudicar os sociólogos como um todo” ao manchar a imagem da classe, Ennes segue o princípio de “nunca entrevistar na primeira oportunidade”, a não ser, é claro, que esteja diante de uma oportunidade única, na qual exista a possibilidade de nunca mais encontrar o entrevistado. O autor prefere, antes, fazer um primeiro contato, introduzir a si e a pesquisa, e só então se engajar nas vias de fato da entrevista (*Idem, 2020*).

Resta questionar ainda acerca do procedimento das entrevistas. Como Ennes relata o trabalho de campo? A partir das observações feitas por ele sobre a interação com seus informantes, pode-se derivar interessantes indicações relevantes ao *métier* da pesquisa social qualitativa, ao passo que fornecerá elementos para um estudo de caso sobre a relação entre o pesquisador e os grupos nativos.

## **Pesquisador e grupo nativo: o pesquisador é um animal social**

Cabe analisar, por fim, a relação entre o pesquisador e o grupo nativo. É natural que esse tipo de questão esteja às voltas de qualquer cientista social ou historiador que tenha de lidar com os meandros da pesquisa de campo. Afinal, qual a medida da relação entre

pesquisador e pesquisado? Qual o grau de envolvimento entre eles? Como lidar com o objeto de pesquisa, quando este consiste em seres humanos, suas opiniões, discursos e representações? O trabalho de Ennes figura como fonte para um estudo de caso sobre essa ordem de questionamentos, da qual advêm apontamentos interessantes.

O primeiro ponto que merece ser observado é o modo como o sociólogo logrou criar um vínculo de amizade com um dos entrevistados e, desse modo, extraiu uma série de consequências positivas para a pesquisa. Essa relação de amizade deu-se com o senhor Paulo Ono, que, observou-se acima, proporcionou o acesso a mais três entrevistados. Sobre os encontros com Ono, observa o sociólogo: “recebia-me na cooperativa, onde é presidente, e conversávamos horas a fio. Nem sempre nossas conversas eram sistemáticas”. Além disso, acrescenta: “não eram gravadas e poucas vezes fiz anotações em meu caderno de campo” (*Idem*, 2001, p. 23).. Deve se considerar também que diversas conversas se desenrolaram durante almoços, antes dos quais o entrevistado apreciava uma dose de caipirinha. O caráter mais descontraído e solto dos encontros poderia comprometer algumas informações que fugissem posteriormente à memória, contudo, deu luz a uma relação de “confiabilidade e amizade” (*Idem, ibid.*, p. 24). Tal relação de afeto mútuo somou à pesquisa e garantiu acesso aos outros entrevistados.

Neste ponto, vale recordar da clássica pesquisa de Foote Whyte, *Sociedade de esquina* (2005[1943]). A pesquisa foi fruto de um trabalho de três anos, nos quais o cientista social imergiu na convivência com seu grupo nativo de estudos, habitantes de Cornerville, bairro italiano de Boston. Com o método de observação participante, o pesquisador logrou mostrar com riqueza a complexa rede de relações de conflito, solidariedade e poder do local, demonstrando que, em contraste com a visão “de cima” da sociedade em geral, o bairro não era um amálgama amorfo de subalternos, mas se organizava em um tecido delicado de interações. O tópico que interessa aqui é o método, sobretudo, como destacou Whyte: “assim como seus informantes, o pesquisador é um animal social” de modo que ao imergir no campo, “sua vida pessoal [*do pesquisador*] estará inextricavelmente associada à sua pesquisa” (*Ibid.*, p. 283). Claro que isso carrega o potencial para a amizade e companheirismo, bem como para o conflito. No caso da pesquisa de Ennes, vimos que a amizade com Ono foi chave para o estudo, sem a qual a empreitada estaria muito comprometida. A proximidade e o afeto recíprocos entre pesquisador e nativo, para Ennes, tal qual fora para Whyte, mostrou-se duplamente positivo. Primeiro, tornou o procedimento de pesquisa mais interessante e prazeroso; segundo, proporcionou acessos e conexões para a pesquisa.

Contudo, dificilmente a pesquisa de campo guarda tão somente relações amigáveis. Do outro lado da moeda, encontra-se a dificuldade na realização de algumas entrevistas em função da resistência por parte dos entrevistados. No caso de Ennes, por exemplo, com relação a Maria Antonia, negra, adotada por família japonesa, houve certos obstáculos. Além de ter sido criada no seio de uma família japonesa, ela havia sido indicada por outros entrevistados e, além disso, gozava de prestígio social na cidade, pois era diretora de escola da cidade e moradora do único prédio da cidade. Tudo isso a colocava em uma posição privilegiada para a compreensão da dinâmica da identidade japonesa em relação com o outro. Contudo, Ennes conseguiu marcar uma entrevista com Maria Antonia apenas depois de “algumas tentativas e de alguma resistência” (*Idem, ibid.*, p. 22), fato de grande dedicação científica, pois, como confidenciou o sociólogo, ele morava em torno de 200 km de distância de Pereira Barreto e teve de fazer em torno de cinco viagens até a cidade para conseguir finalmente contatar Maria, explicar sua pesquisa e, finalmente, realizar a entrevista.

Outro exemplo é o de Jitsunobo Igi, cuja aproximação “foi muito lenta e mediada por Paulo Ono”, nesse processo, o sociólogo preocupou-se em não criar uma “situação de constrangimento”, pelo fato de que Igi já havia realizado trabalhos históricos sobre a cidade e, justamente por isso, cuidou para que não fizesse parecer que seu trabalho fosse uma tentativa de substituir o de Igi. Soma-se a isso a aura de respeito e autoridade que Igi, na época um ancião já com mais de 70 anos de idade, tinha. Dessa feita, “por telefone ou pessoalmente, sempre ressaltava que o caráter de meu trabalho era de complementaridade [*com relação ao dele*]” (*Idem, ibid.*, p. 31).

Os dois casos demonstram a importância da persistência e paciência requeridas pelo pesquisador frente aos obstáculos naturais ao campo. O segundo caso evidencia mais uma vez o valor da relação de amizade com Ono para conseguir o acesso a Jitsuno Igi. Além de exemplificar o modo como o sociólogo deve proceder com negociações e delicadezas a fim de conseguir entrevistas e driblar entrevistados hesitantes.

Esses casos do trabalho de campo mostram que a arte da entrevista requer uma espécie de capacidade de adaptação às situações, uma virtude de bem lidar nos intercursos sociais, assim como certa obstinação investigativa que, por vezes, pode beirar o inoportuno. O pesquisador social, seja ele sociólogo, antropólogo ou historiador, deve procurar portar-se da melhor maneira com cada um de seus entrevistados, sabendo retirar dessa relação o melhor para sua pesquisa, por meio da negociação da entrevista, da condução da entrevista e do modo como busca indicações de outras pessoas que possam ser entrevistadas.

## Considerações finais

Este artigo buscou discorrer acerca do método de pesquisa qualitativo na forma de entrevistas e história oral, a partir da análise do livro *A construção de uma identidade inacabada: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo*, de Marcelo Ennes (2001). O objetivo foi responder como o sociólogo articulou a questão da imbricação do método de pesquisa com a teoria sociológica de base e sua relação direta com o campo; como se deu o critério de seleção dos entrevistados; e, por fim, como o pesquisador se posicionou no processo das entrevistas, visando coletar bons dados para seus estudos.

Pode-se constatar que a adoção de conceitos bourdieusianos direcionou a pesquisa para o método das entrevistas. No entanto, essa afirmação precisa ser qualificada, pois o aparato teórico metodológico se desvelou tão somente no contato do pesquisador com o campo de pesquisa. Assim, o contato com o objeto de pesquisa levou Ennes a mudar o marco teórico anterior, de tendências marxistas, e adotar um caminho de pesquisa que privilegiou a reconstrução do *habitus* dos moradores da cidade de Pereira Barreto, por meio dos valores e das representações simbólicas expressos nas entrevistas. Portanto, concluímos que a relação entre teoria e método não se define de modo mecânico, emanando da primeira para a segunda, mas se desenvolve de modo orgânico no complexo entrelaçamento campo-teoria-método.

Foi examinado também o plano de seleção dos entrevistados. O sociólogo optou pelo método da bola de neve, escolhendo seus entrevistados por meio de indicações de outros entrevistados. Graças à salvaguarda na rede de contatos e à confiança entre os indivíduos da comunidade, várias portas para outras entrevistas se abriram, que, de outro modo, teriam permanecido fechadas. Ennes contornou o problema de perder-se na circularidade de um grupo demasiado homogêneo ao adotar também o método da arborescência, buscando diversificar a escolha dos entrevistados em função de sua trajetória e origem social. Esse proceder garantiu as vantagens e facilidades da primeira com o resguardo metodológico da segunda.

Por fim, a conduta do sociólogo em relação ao modo de lidar com as entrevistas foi exemplar em alguns aspectos. As relações de confiabilidade e amizade se provaram frutíferas para a pesquisa e uma chave que abriu diversas portas e acessos a outros entrevistados. Além disso, o “jogo de cintura” e a disposição paciente e persistente proporcionaram a superação das barreiras que se impuseram à pesquisa e garantiram o acesso aos entrevistados mais recalcitrantes.

## Referências

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

BERGER, Peter. **Perspectivas sociológicas**: Uma visão humanística. Petrópolis: Vozes, 1986

BOURDIEU, Pierre. **A distinção**: Crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk. 2007.

BOURDIEU, Pierre. **A miséria do mundo**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. *In*: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta. **Usos e abusos da história oral**. 8. Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp. 183 -191.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009a.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: Sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus Editora, 2009b.

ENNES, Marcelo. **A construção de uma identidade inacabada**: Nipo-brasileiros no interior do Estado de São Paulo. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

ENNES, Marcelo. Entrevista sobre a pesquisa *A construção de uma identidade inacabada* concedida a Iann Lobo. 9 jun. 2020.

ENNES, Marcelo. “Ocupação, renda e origem étnica: um estudo de caso”. **Cadernos Pós Ciências Sociais**, São Luis, vol. 2, n. 3, jan./jun. 2005.

LAHIRE, Bernard. **Homem plural**: Os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

SEIDL, Ernesto. **Interações diretas**: A entrevista e seus usos (preparação, negociação, condução, por onde e como começar). Aula ministrada na disciplina de Métodos de Pesquisa Qualitativa, no curso de mestrado em sociologia política UFSC. Florianópolis, 30 ago. 2017.

WHYTE, William. **Sociedade de esquina**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005[1943].

Recebido em: 17/07/2018

Aprovado em: 24/07/2020